

MADUREIRA POP E O ARTIFÍCIO

Alexandra Aguirre

O Brasil é o único lugar em que a ordem é transgressora – esta era mais ou menos a ideia que resumia Ronaldo Brito, em suas aulas, a importância das vertentes construtivistas no Brasil. Quando falava de ordem remetia à crença na racionalidade diante da natureza social brasileira, tão bem representada pelo “jeitinho” e pelo “patrimonialismo”, que Sérgio Buarque de Holanda descreveu no “homem cordial”: “a vida em sociedade é, de certo modo, uma verdadeira libertação do pavor que ele sente em viver consigo mesmo, em apoiar-se sobre si próprio em todas as circunstâncias da existência”¹. Brito, em *O jeitinho moderno brasileiro*, e Rodrigo Naves, em *Da dificuldade de forma à forma difícil*, mostram como os modernistas na década de 20, ao tentar responder questões postas pelo cubismo e pelas vanguardas, como o funcionamento interno da obra e o fim do estatuto da representação, esbarram nos limites de uma sociedade que não tolera o diferente, a experimentação e a ruptura.

Passado mais de meio século do movimento no Brasil, a grande narrativa da arte – da representação à abstração quando se refere apenas a si mesma – perdeu o sentido. Arthur Danto considera como arte contemporânea aquela que, à falta de uma narrativa própria, faz uso da história, do que se “tem à mão” e de outras narrativas. Marcelo Jácome quando retoma princípios formais, como os do Construtivismo, faz uso destes elementos, mas já não acredita na racionalidade como fator de transformação social. A sua pesquisa se dirige para a liberação da cor com relação ao plano e às linhas – pesquisa cara aos neoconcretos -, porém, sem um programa que o orientaria em direção às formas puras – euclidianas, não-euclidianas; seu olhar se dirige à realidade do mercado suburbano, dos terreiros, do céu das comunidades cariocas. A autonomia da cor não pode se dar mais de forma idealista: a cor não existe senão materializada no cetim da fita, na transparência do papel de seda, no corpo de cera das velas. Esta individuação das cores necessariamente recorta elementos sociais potentes, frequentemente, marginalizados como manifestações culturais populares.

Madureira Pop continua a pesquisa presente de forma direta nas colagens de papel sobre madeira, dos Planos-Pipas, dos Amassados, dos Esmaecidos, porém agora propondo outras artificializações. Não se trata apenas da retirada dos materiais de sua imersão natural, mas de sobreposições e amassados de papéis, cujas impressões remetem aos azulejos de nosso passado colonial. Está na memória popular, o passado naturalizado – aquele que inaugura o “patrimonialismo”, dilapidação do patrimônio público por interesses privados, através do “jeitinho” – que, destacado do fundo, pode ser reconhecido como vivo. Tão vivo quanto o cítrico das cores que tingem as camadas transparentes de papel de seda. Cores que não são tímidas, chamam atenção para si, e provavelmente brilham no escuro da marginalização como estrela-guia.

Movimentar as cores sobre o suporte é um modo de artificializar pelo embaralhamento – note-se, não mais pela ordem – o dado; e, sim, pelo acaso e experimentação, o que já tinha sido feito nos Planos-Pipas, nas Tensões Espaço-temporais e nos Não Lugares, também colagens de papel sobre madeira. São testes, provas, tentativas de obter a diferença pelo esforço de se perder o princípio ou a origem do elemento utilizado. De fato, o uso de que faz a arte contemporânea, na falta de uma narrativa programática que oriente a produção, está presente nos trabalhos de Madureira Pop, principalmente, como descompromisso em continuar ou repetir um movimento, uma forma ou cor existente. São apropriações de elementos formais, de materiais como os papéis de seda de pipas, e de questões caras a experiências históricas artísticas que recortam e resistem como artificializações ao ciclo natural das coisas. Madureira Pop propõe outra/os cor(t)es.

1 HOLANDA, Sérgio B. *Raízes do Brasil*. São Paulo, Cia das Letras: 2003, p.147

MADUREIRA POP AND THE ARTIFICE

Alexandra Aguirre

Translation: Lítero Traduções

Brazil is the only place where the order is transgressive – it was, more or less, the idea that Ronaldo Brito summarized, in his classes, the importance of the constructivist aspects in Brazil. When he talked about order he referred to the belief in rationality before the Brazilian social nature, so well represented by the “Brazilian knack” and by the “patrimonialism”, which Sérgio Buarque de Holanda described in the “cordial man”: “life in society is, somehow, a true release from the fear he feels in living with himself, in supporting himself on him himself in all circumstances of the existence”¹. Brito, in *O jeitinho moderno brasileiro*, and Rodrigo Naves, in *Da dificuldade de forma à forma difícil*, show how the modernists of the 1920’s, upon attempting to answer questions placed by the Cubism and by the vanguards, how the internal operation of the work and the end of the representation statute come into conflict with the limits of a society that does not tolerate the different, the experimentation, and the rupture.

Once more than a half century of the movement in Brazil has elapsed, the great narrative of the art – from the representation to the abstraction when it refers to itself only – lost the sense. Arthur Danto considers as contemporary art the one that, upon the absence of an own narrative, uses the history, uses what is “on hand”, and uses other narratives. Marcelo Jácome when resuming formal principles, such as those of Constructivism, uses such elements, but does not believe in rationality as a factor of social transformation. His research is towards the release of the color in relation to the plan and lines – expensive research to the Neoconcrete - but, without a program that would guide towards the pure forms – Euclidean, non-Euclidean; his sight is directed to the reality of the suburban market, of the yards, of the sky of Carioca communities. The autonomy of color may not occur in a more idealist manner the color does not exist, but materialized in the satin of the ribbon, in the transparency of the silky paper, in the body of wax of the candles. Such individuation of the colors necessarily cuts out powerful social elements, frequently marginalized as popular cultural manifestations.

Madureira Pop continues this research in a direct manner in the collages of paper on wood, of the Kite-Plans, the Kneaded, the Blurry, but now proposing other artificialities. It is not the removal of the materials from their natural immersion, but overlaps and kneading of paper, which prints refer to the tiles of our colonial past. It is in the popular memory, the naturalized past – the one that unveils the “patrimonialism”, squandering of the public property by private interests, through the “Brazilian knack” – which, highlighted from the bottom, may be recognized as alive. As alive as the citric of the colors that dye the transparent layers of silky paper. Colors that are not shy, they call attention to themselves, and probably shine in the darkness of the marginalization as a guiding star.

Moving the colors on the support is a way of rendering artificial by the scrambling – note, not by the order anymore – the dice; but by chance and experimentation, which he has already made in the Kite-Plans, in the Space-Time Tensions and in the Non-Places, also collages of paper on wood. They are tests, trials, attempts of obtaining the difference by the effort of loosing the principle or the origin of the element used. In fact, the use the contemporary art makes, upon the absence of a programmatic narrative that guides the production, is present in the works of Madureira Pop, especially, as disengagement in continuing or repeating an existing movement, form, or color. They are appropriations of formal elements, of materials such as the silky paper of kites, and questions expensive to the artistic historical experiences that cut out and resist as artificialities to the natural cycle of the things. Madureira Pop proposes other c(ut)olors.

[1] HOLANDA, Sérgio B. *Raízes do Brasil*. São Paulo, Cia das Letras: 2003, p.147